

# **‘BROTA, PASSA, ENTRA, GRITA, BRILHA... E VAI EMBORA’<sup>1</sup>: UMA REFLEXÃO SOBRE A EXPERIÊNCIA DA POESIA COM CRIANÇAS DO 5º ANO EM UMA OFICINA DO PROJETO LEIA**

Marcelo Rógenes de Menezes (UFRPE-UAST)  
menezesmarcelo@live.com

*Poesia é brincar com palavras,  
como se brinca com bola,  
papagaio e pião.*

José Paulo Paes

## **Introdução**

As rodas de leitura do Projeto LEIA (Leitura x Escrita: Interação e Autonomia), desenvolvido na Companhia Geral dos Armazéns de Pernambuco (CAGEPE), no município de Serra Talhada – PE, com crianças de 9 a 12 anos, discentes do 4º e 5º anos do Ensino Fundamental de uma escola do referido município, têm objetivado, acima de tudo, alavancar uma melhora na escrita e leitura de crianças em uma comunidade serratalhadense, a partir de atividades lúdicas com esses dois eixos de ensino, fomentadas pelos diversos gêneros linguísticos e literários. As rodas são desenvolvidas pelo Programa de Educação Tutorial-Conexões de Saberes/Linguística, Letras e Artes<sup>2</sup> da Universidade Federal Rural de Pernambuco/Unidade Acadêmica de Serra Talhada.

A tessitura deste capítulo tem como escopo conhecer o gênero literatura infantil; “conceituar” o que é poesia infantil e a sua importância no processo de formação da criança; discorrer sobre os recursos sonoros da poesia – aliteração, assonância, repetição de palavras e onomatopeias e descrever, através de um processo reflexivo, as produções elaboradas nas oficinas. Para tanto, toma-se como fundamentação o que Cademartori (2010), Goldstein (1998) e Sorrenti (2007), entre outros, ponderam sobre o gênero literário e o lírico, mais especificamente, da poesia, espécie de nome “genérico” deste último, bem como, o que falam sobre poesia direcionada para o público infantil.

### **1. ‘Passou por mim...’: uma breve consideração da literatura infantil no Brasil**

A literatura infantil é, historicamente, centrada como um “produto dicotômico”, situando-se no sistema literário e no educacional, que assumiu um caráter de maior prestígio neste último. Dessa maneira, este gênero é muito adotado dentro do contexto escolar, afinal, ele exerce uma forte influência na formação dos pequenos leitores em séries iniciais. Assim, Cademartori afirma que:

---

<sup>1</sup> Assim como as aspas no título deste capítulo, outros trechos também são fragmentos retirados do livro da Sonia Junqueira, “Poesia na Varanda”, trabalhado nas rodas de leitura do Projeto LEIA.

<sup>2</sup> O grupo PET/CS é composto por 12 alunos-bolsistas e 1 professor-tutor. Desenvolve atividades de pesquisa, ensino e extensão desde 2010 na UFRPE/UAST, interna e externamente à comunidade de Serra Talhada.

Uma comprovação rápida de que a literatura infantil desfruta de pouco prestígio no sistema de onde é originária, o literário, pode ser extraída das listas, indicações, sugestões, seleções de todo o tipo das obras literárias consideradas mais importantes ou representativas (CADEMARTORI, 2010, p. 13).

Entretanto, as obras de literatura infantil não devem servir como uma espécie de “alicerce” para um ensino pautado apenas na exigência pedagógica, em que a criança é submetida somente a procurar, circular ou sublinhar verbos, substantivos, adjetivos no texto literário, ou seja, palavras soltas sem nenhuma contextualização na obra literária. Esta atividade, de cunho apenas didático, não permite que a criança desfrute das maravilhas e aventuras que são possíveis através da linguagem e os efeitos de sentido que o texto pode apresentar para os leitores.

É observável que em decorrência de uma prática de leitura constante por parte da criança, esta desencadeie uma pré-disposição de melhora na escrita e um acréscimo no seu vocabulário, sem deixar de citar que crianças que costumam ler possuem uma amplitude de informações internalizadas, o que nos faz pressupor que elas possuem certa criticidade ao entrarem em contato com um determinado texto literário.

Neste contexto, a referida autora ainda pondera que a literatura infantil, como sugere o adjetivo empregado, tem como foco um “público-alvo” e que os leitores, os menores, possuem uma idade que vai de acordo com os “parâmetros” de composição dos elementos que estruturam o livro infantil. As crianças, leitoras deste gênero, possuem variadas habilidades linguísticas e cognitivas, diferenciando-se, assim, umas das outras e, em decorrência disso, os autores buscam em suas obras diversos mecanismos de comunicação que visam a atender aos interesses e respeitar as potencialidades dos leitores em formação.

O gênero literário voltado para o público infantil foi e ainda é bastante diversificado em seus títulos no Brasil, contando com grandes nomes da nossa literatura, como: Rachel de Queiroz, Érico Veríssimo, Vinicius de Moraes, Henriqueta Lisboa, Mario Quintana, Cecília Meireles, Clarice Lispector, entre outros. Mesmo que alguns dos autores acima não tenham se dedicado somente a contribuir para a criação literária infantil, suas produções foram e continuam sendo de suma importância para a construção da cultura. Cademartori, por sua vez, enfatiza que:

São exemplos, entre muitos outros, da expressão que pode alcançar o gênero, que não é fácil nem menor, não aceita improvisação nem descuido, mas requer talento especial para ser composto de acordo com suas peculiaridades (CADEMARTORI, 2010, p. 15).

Não podemos deixar de citar um dos mais sublimes escritores de obras infantis da nossa literatura, precursor do gênero, principalmente, de caráter crítico-social, que foi Monteiro Lobato. O criador do Sítio do Picapau Amarelo, que inseriu suas personagens em um ambiente rural, escreveu diversos livros infanto-juvenis, cujas histórias são ambientadas no próprio Sítio, entre elas: O Poço do Visconde, Emília no País da Gramática, Reinações de Narizinho etc. Monteiro Lobato, como ninguém, soube metaforizar em seu texto literário todo o processo cultural que o Brasil estava passando e exemplificou com suas personagens.

A diversidade abordada nos livros infantis de sua autoria polariza-se dos temas sociais até a fantasia da criança em um momento de descontração. Afinal, o livro infantil, não apenas o escrito por Lobato, entre outros, apesar de ser escrito e – muitas vezes – ilustrado por um adulto, é produzido para crianças, ou pelo menos se pressupõe

que seja, refletindo um modo de ser e pensar como “parâmetro” a ser seguido pelos menores.

Assim como temos o pioneirismo de Lobato na literatura infantil, não podemos deixar de citar um nome emblemático da nossa poesia infantil, também conhecido como o “príncipe dos poetas”: Olavo Bilac. Além de ser conhecido como um dos principais nomes do Parnasianismo brasileiro, Bilac também nos deixou um denso legado poético destinado aos pequenos leitores, e que, até hoje, ainda é referência aos escritores e às escritoras do gênero lírico. A sua obra mais conhecida é “Poesias Infantis”, livro publicado em meados do século XX, composto por poesias de caráter moralizante, com valores ufanistas, características marcantes nos textos poéticos de Bilac, que valorizava, como ninguém, o amor à pátria. Assim, as suas poesias teriam como função doutrinar as crianças aos padrões de bom comportamento, como serem obedientes e recatadas. Afinal, sua postura era plenamente nacionalista e escolar.

Discrepante de Bilac, Sorrenti (2007, p. 19) afirma que “a poesia pode estabelecer uma ponte entre a criança e o mundo”. Acreditamos que é nesta ponte que se deve estimular e propiciar o conhecimento internalizado da criança, pois não podemos deixar de lembrar que o desenvolvimento do raciocínio infantil pode se dar por meio de incentivos decorrentes dessas práticas de leitura. Assim, é muito mais importante e válido um exercício de dizer e ouvir poemas, numa interação texto-leitor e participar, junto ao poeta, da identificação do material poético explícito no texto literário.

Dependendo do seu nível de envolvimento com a leitura, a criança sozinha, ao entrar em contato com a poesia, pode detectar os elementos poéticos presentes na obra literária. Porém, o mediador não pode deixar o menor-leitor “ao léu” da magia que as palavras podem proporcionar. É necessário, assim, que esse dinamizador, dentro do espaço interacional texto-leitor, proporcione à criança uma leitura mais prazerosa. Levá-la ao processo de busca dos elementos do poema, ao invés apenas de serem feitas análises gramaticais<sup>3</sup>, com certeza, é bem mais criativo e lúdico por parte do mediador.

## **2. ‘Mundo entrando pelos olhos, enriqueceu minha vida’: a motivação da escolha**

Caracteristicamente bela, emocional, musicada, sensível e de outros valores estéticos, a poesia assume, por si só, uma expressão mágica singular que envolve o leitor durante seu contato. A brincadeira poética, mesmo sendo direcionada aqui apenas para o contexto infantil, não se materializa somente nesse, pois sua estruturação mexe com os sentidos e emoções até mesmo do leitor mais experiente.

Partindo disso, Sorrenti discorre que:

[...] a poesia infantil não quer apenas se adequar ao leitor, como se isso fosse um critério rígido pré-estabelecido. Longe disso, a poesia para crianças define-se como a que a criança também lê e aprecia, não sendo uma poesia menor (SORRENTI, 2007, p. 14).

É perceptível que a leitura literária da poesia requer do interlocutor certa cognição. Afinal, por se tratar de um texto com uma grande carga plurissignificativa, a poesia acaba exigindo do leitor uma mobilização de seu pensamento em relação ao jogo de palavras inseridas textualmente. Longe de deixar a criança passiva nesta relação, a

---

<sup>3</sup> Análises gramaticais aqui são tidas como uma espécie de exercício rotineiro feito pelos professores que só se preocupam com o conteúdo programático e se esquecem da “real função” que a poesia pode ter dentro do contexto escolar, isolando-a, por sua vez, como algo irrelevante ou difícil de apreender.

poesia, mais especificamente, a infantil, traz consigo um entrelaçar que move a criança de um mundo a outro, maravilhando-a, encantando-a.

Se a criança, desde seus primeiros anos, for levada a ter contato com o texto poético, conseqüentemente, ela conseguirá desenvolver várias habilidades, tanto na escrita, quanto na leitura, como também ampliar sua criatividade. Essa abordagem primária com a poesia pode ser feita por diversos meios. Assim, segundo Sorrenti (2007, p. 20), “tudo isso vem justificar a permanência que a tradição oral deixa na poesia popular, fertilizando a capacidade de aproximação do povo com o fenômeno literário”.

Dessa forma, a cultura popular oral permitiu e permite o contato com a poesia através dos mais variados tipos de gêneros textuais e manifestações populares.

### 3. A poesia – infantil – e os seus recursos sonoros

Oferecer às crianças a oportunidade de contato com a poesia, além de uma experiência lúdica e prazerosa, é permitir que elas tenham uma aventura linguística e literária, pois, além de desbravar a linguagem explícita no texto, o menor-leitor poderá fazer diversas leituras a partir da poesia. Porém, nessa aventura, em sala de aula, a criança deve ser guiada pelo mediador, tido como “divulgador” da obra no momento do contato com o texto, mas não somente com a ajuda dele.

Os recursos utilizados no gênero lírico proporcionam um leque de probabilidades, perceptíveis ou não, dentro do texto pela criança. De acordo com Cademartori (2010, p. 37), “a poesia infantil brinca com os sons e, ao fazê-lo, favorece a percepção da materialidade da língua e de seu potencial”.

Subjetivamente, não é necessário que a criança, em sua escolarização inicial, reconheça todas as regras de metrificação, os recursos sonoros, o jogo semântico etc. Sorrenti (2007, p. 18), por sua vez, diz que “a sonoridade das palavras tem tanta importância como seu significado. Um bom arranjo das palavras pode levar o leitor a perceber a música, a sonoridade e a brincadeira”.

Na leitura em voz alta, além da rima, é possível identificarmos algumas figuras de efeito sonoro, como aliteração, assonância, repetição de palavras e onomatopeia, que podem causar uma intensa sensação emocional e até musical na criança. Sorrenti (2007, p. 41) diz que “a aliteração é a repetição da mesma consoante ou de consoantes similares nos versos do poema”. Segundo Goldstein (1998, p. 50), “assonância é o nome que se dá à repetição da mesma vogal no poema”. De acordo com Goldstein (1998, p. 52, grifo da autora), “a repetição de palavras é um recurso muito frequente. Quando acontece sempre na mesma posição (início, meio ou final de vários versos), recebe o nome de *anáfora*”.

Dias (1995 apud Sorrenti, 2007, p. 41) exemplifica com a poesia “Trenzinho do riacho”, discorrendo que o significado de onomatopeia é “quando a pronúncia imita ou sugere a voz ou o som do ser representado”.

[...]  
Meu trenzinho, por favor,  
pare logo p’reu entrar!  
Tcha...tcha...tcha...tchaaaaaaaaa...  
Eu também vou viajar!  
[...]

Joachim (2010, p. 72) afirma que “é bem conhecida a ligação histórica do poema com a música e com a visualidade”. Com isto, podemos notar que, “[...] no caso das crianças menores, a música e a poesia estão entre as formas de arte mais apreciadas. A cadência e a sonoridade são as grandes responsáveis por essa preferência”. (SORRENTI, 2010, p. 42).

Esses recursos poéticos, com certeza, fazem com que a criança, na medida em que ela brinca com as palavras, ao mesmo tempo, desfrute dos encantos da poesia.

#### **4. *Se essa poesia fosse minha: colocando a mão na massa na roda de leitura***

Acreditou-se, por muito tempo, que, para aproximar a criança do texto poético, fazia-se necessário, apenas, apresentar--lhe poesias de qualidade, somadas aos autores que eram considerados cânones literários. Contudo, é sabido, atualmente, que é preciso muito mais que isso. Necessita-se, no processo interativo texto-leitor, de um entusiasmo, de uma sensibilidade por parte do mediador, desenvolvendo, assim, na criança, um gosto pela poesia.

Pensando assim, Sorrenti (2007, p. 19) afirma que “ler um poema é buscar sentidos, o que equivale a dizer que cada leitura comporta a possibilidade de participação nos textos do outro, pelo duplo jogo de receber e refazer o texto”.

Diante dessa busca, nós, do projeto LEIA, decidimos garimpar livros de poesia que pudessem ser trabalhados com os menores-leitores do nosso projeto de extensão, visando, mesmo que em uma oficina, um exercício lúdico com o texto poético, desvencilhando-se, dessa maneira, do papel pedagogizante que é caracterizado o trabalho com a poesia no contexto escolar, apesar da sua constante presença nos livros didáticos dos anos iniciais da escolarização infantil. Essa conduta, infelizmente, demonstra a incapacidade de se promover um processo reflexivo do poema, impedindo a criança de degustar o seu valor literário, enquanto fonte de estímulo aos seus sentidos e alimento à alma.

Ao “separarmos o joio do trigo”, decidimos trabalhar com as nossas crianças do LEIA o livro “Poesia na Varanda”, de autoria de Sonia Junqueira e ilustração de Flávio Fargas. A obra possui um recurso fundamental nos textos infantis, atualmente: a ilustração, ferramenta que facilita às crianças o contato com o livro. Devem-se mencionar, também, outros recursos encontrados no livro, como o tamanho, a cor e a fonte das letras utilizadas, o papel usado na tipografia, o formato em si, entre outros, pois todo esse conjunto serve de atribuição de sentido ao texto pelo menor-leitor.

Verificamos, na obra, que ela valoriza a linguagem, que existe uma relação muito íntima entre as palavras, os sons e as imagens, uma organização específica do poema como um todo. Nessa perspectiva, o nosso objetivo foi emergir nas crianças uma criatividade, uma sensibilidade, uma emoção, que desenvolvesse nos nossos leitores, uma competência apreciativa da linguagem poética, de maneira que eles pudessem perceber, sentir e ver o mundo de modo subjetivo, transformando-se, conseqüentemente, em uma produção textual de caráter poético.

Além do incentivo à leitura e à produção do texto poético, a oficina propôs o contato das crianças com outros gêneros textuais e mídias afins, como a exibição das ilustrações do livro e um vídeo projetado com a cantiga popular “Se essa rua fosse minha”<sup>4</sup>, interpretada por uma personagem infantil contemporânea via *datashow*, tudo exposto e trabalhado passo a passo para não comprometer a compreensão das crianças.

---

<sup>4</sup> A cantiga popular completa encontra-se em anexo.

Todos esses recursos audiovisuais, somados ao uso de uma caixa de som amplificadora, estimularam os sentidos e o imaginário dos menores-leitores, abrindo-se um leque de liberdade expressiva. Todavia, a utilização desses recursos midiáticos foi apenas um suporte a mais na recepção do texto literário oferecido aos menores-leitores, nada que substitua a leitura literária da própria obra. Afinal, a leitura é indispensável, pois, ela se caracteriza como uma condição de crescimento e elevação intelectual do leitor, em que ele, através desse eixo de ensino, pode desenvolver seu pensamento reflexivo e crítico, emancipando-se como um sujeito questionador.

Durante toda a oficina, foi perceptível que o conhecimento enciclopédico, ou conhecimento de mundo, das crianças, é muito importante e deve ser considerado interno e externamente na interação texto-leitor, pois, desde a sua infância mais remota a poesia anda lado a lado com elas, através de canções folclóricas, cantigas de ninar etc., preservando uma cultura oral que passa de geração para geração.

Averbuck enfatiza que:

[...] os poemas infantis devem permitir que as crianças brinquem com a sua sonoridade, aliteraões, repetições de fonemas, rimas, mesmo sem ter domínio do seu significado. O texto poético faz trocadilho, joga com as palavras, ordena-as de maneira harmoniosa e injeta mistério em cada uma delas, de tal modo que cada imagem passa a encerrar a solução de um enigma (AVERBUCK, 1993, p. 63).

Dessa maneira, ao introduzirmos a nossa leitura conjunta na oficina, às crianças puderam perceber, ao longo do livro, além dos recursos sonoros supracitados, uma intertextualidade com a cantiga popular, encontrada nos seguintes versos:

Entrou em mim a poesia  
na forma de uma canção  
que falava de uma rua  
com pedrinhas de brilhantes  
e de um anjo solitário  
que vivia por ali  
e roubou um coração  
(JUNQUEIRA, 2012, p. 10).

A partir desse encontro texto-leitor, percebemos que a oficina em si foi uma oportunidade singular para as crianças reviverem a sensação da sua própria infância por meio da linguagem, ao entrarem em contato com o texto poético, onde elas queriam relê-lo, reinterpretá-lo, reescrevê-lo. Exigente, um dos pequenos soube e ajudou aos outros identificarem os valores poéticos e estéticos do poema, tomando como base, principalmente, o texto original e a cantiga popular para a elaboração da sua própria produção textual, como podemos notar logo abaixo:

Se minha rua fosse essa  
Se minha rua fosse essa  
Eu iria Pedrialhar  
O Parque da Solidão  
que come com Ceraçãõ  
Só vejo meu bem Possam  
também se sei bem  
O amor para brilhar

Figura 1. Produção textual extraída da oficina.

Ao final da oficina, nós, do projeto LEIA, lemos produção por produção, e percebemos a importância de uma atividade lúdica com a poesia, em que o menor-leitor é levado, a partir da sua leitura da obra e sua leitura de mundo, principalmente, a explorar novas possibilidades de aprendizado, através da linguagem poética, não ficando fadado ao caráter pedagógico que, muitas vezes, é abordado em seu contexto escolar. É possível perceber que, mesmo sem a criança saber as nomenclaturas, algo que não é tão necessário nas primeiras séries do ensino fundamental, ela consegue transpor os recursos sonoros do texto original, para o seu texto. Dessa forma, Sorrenti afirma que:

O jogo com o poema permite a *desconstrução e reconstrução*, exercício de liberdade poética. A criança pode exercer sua imaginação, decompondo textos, armando novos poemas, “recortando” fragmentos de outros textos, descobrindo paralelismos. Enfim, ela poderá brincar de reinventar poemas (SORRENTI, 2007, p. 20, grifo nosso).

Foi nessa interação texto-leitor e mediador-texto-leitor, que pudemos perceber que um trabalho conjunto, contextualizado, permite a criança desvendar as imagens do poema e seus respectivos recursos sonoros, despertando-lhe a imaginação, mergulhando-a num mar de fantasia, desencadeando sua subjetividade e autonomia.

## Conclusão

Este trabalho esboça uma minúscula fagulha diante do universo que engloba tantas outras questões envolvendo a poesia dentro e fora do contexto escolar, principalmente, ao que concerne o ensino do gênero lírico ainda hoje.

Deparando-nos com essa realidade, e ao olharmos os livros infantis, percebemos o quão importante é analisar, criteriosamente, que tipo de obra abordar e, consecutivamente, trabalhar com os pequenos, pois a literatura em sua dimensão

formadora, estimula os sentidos, a competência crítica do ser, sendo esse, de fato, o verdadeiro lugar da poesia no ensino, ao invés da sua funcionalidade pedagógica, na qual isso não acontece.

Assim, não poderíamos deixar de citar que, ao darmos voz à criança, visando florescer um leitor mais crítico, atuante e construtor de uma multiplicidade de significados, permitimos que ela possa refletir; que faça associações relacionadas aos fatos, à vida e às ideias presentes no texto poético; dando significado(s) ao texto e ampliando sua ótica da realidade que a cerca.

É mister frisar que o trabalho com a poesia deve ser dia a dia. Deve-se (con)viver com a poesia, ler-sentir-discutir-refletir diante do texto poético, oferecendo aos menores-leitores, um universo mágico e rico em experiências e relações que só a linguagem poética pode ofertar, instigando as possibilidades criativas e inovadoras das crianças.

Salientamos aqui que o projeto LEIA encontra-se em andamento e que muito das produções textuais trabalhadas neste livro são resultantes de uma sensibilização mútua entre nós, os petianos, e os menores que participam do projeto.

Enfatizamos, ainda, a importância na formação tanto dos pequenos leitores, afinal, nosso objetivo nunca foi “formar poetas”, mas, sim, despertá-los, provocá-los a sentir a poesia numa leitura poética, quanto do nosso desenvolvimento pessoal e profissional enquanto pesquisadores e futuros professores, uma experiência singular.

### **Referências bibliográficas**

AVERBUCK, Ligia Morrone. A poesia e a escola. In: ZILBERMAN, Regina. *Leitura em crise na escola*. 11. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993. P. 63-83.

CADEMARTORI, Ligia. *O que é literatura infantil*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2010.

GOLDSTEIN, Norma. *Versos, sons, ritmos*. 10. ed. São Paulo: Ática, 1998.

JOACHIM, Sébastien. *Aspectos da Leitura*. Recife: PPGL-UFPE, 2010.

JUNQUEIRA, Sonia. *Poesia na varanda*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

*Se Essa Rua Fosse Minha*. Disponível em: <<http://letras.mus.br/cantigas-populares/134098/>> Acesso em: 18 ago. 2013.

SORRENTI, Neusa. *A poesia vai à escola: reflexões, comentários e dicas de atividades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

### **Anexos**

#### **Se Essa Rua Fosse Minha (Cantigas Populares)**

Se essa rua  
Se essa rua fosse minha  
Eu mandava  
Eu mandava ladrilhar  
Com pedrinhas  
Com pedrinhas de brilhante  
Só pra ver  
Só pra ver meu bem passar  
Nessa rua  
Nessa rua tem um bosque  
Que se chama

Que se chama solidão  
Dentro dele  
Dentro dele mora um anjo  
Que roubou  
Que roubou meu coração  
Se eu roubei  
Se eu roubei teu coração  
Tu roubaste  
Tu roubaste o meu também  
Se eu roubei  
Se eu roubei teu coração  
Foi porque  
Só porque te quero bem.